

## **O OLHAR CRIATIVO NA MANUTENÇÃO E PRESERVAÇÃO DA VIDA: UMA VISÃO ANTI-ANTROPOMÓRFICA.**

Kátia Batista Camelo Pessoa, Maria Eunice Quilici Gonzalez, João Antonio de Moraes. - Humanas – Filosofia – Departamento de Filosofia – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

Este trabalho tem por objetivo discutir a visão de mundo que decorre do antropomorfismo no que diz respeito à interpretação de fenômenos ligados à vida. O homem, diante da natureza, estabelece uma relação de soberania que tem ocasionado devastações brutais ao meio ambiente. Adotando uma postura epistemológica, sugerimos a apreciação de uma concepção de vida pautada na coerência com o meio, possível de viabilizar uma convivência mais equilibrada do homem com os outros seres vivos. Argumentaremos os ruídos são resultantes das complicações ambientais causadas por fatores externos que desarticulam os nichos ecológicos e as estruturas estáveis, algumas vezes provocam uma desorganização que promove uma nova organização. Não se trata de um processo adaptacional para uma evolução, mas sim de uma memória que deixa marcas no ambiente. Os ruídos admitem filtros que coordenam a extinção ou a permanência de uma espécie a um novo meio. O ruído causador de dúvidas pode ser também o motivo para o estímulo do raciocínio abduutivo presente na criatividade (PIERCE, 1982) capaz de instaurar uma “nova visão de mundo” dada pelo novo espaço conceitual da epistemologia ecológica (BATESON, 1986).

Quando se observa espécimes vivos em seus diversos nichos ecológicos percebe-se que apesar de ruídos constantes que impedem a manifestação da vida em sua plenitude, algumas sobrevivem, ainda que com dificuldades. Pesquisadores identificaram alguns espécimes dentro de um ecossistema que ao serem ameaçados em seu *habitat*, chegam a alcançar um limite máximo de estresse. O limite do estresse quando superado pode dar à espécie maior qualidade de desempenho. Essa superação, no entanto, não significa uma superioridade da espécie frente a outros mais frágeis, mas sugere que no meio ambiente alguns organismos se unem e se organizam de modo a superarem a dificuldade ambiental. Como diz Margulis:

Minha narrativa buscou traçar a evolução das células que se tornaram estrutural e funcionalmente mais complexas e que possibilitaram o surgimento de muitos grupos de organismos maiores e mais elaborados. Mas seria uma interpretação errônea dos registros evolutivos pensar-se que esses eventos representam algum tipo de progresso ascendente. Alguns autores têm afirmado que essa evolução é aperfeiçoada e que conduz as formas vivas “superiores” e, portanto melhores. É preciso não esquecer que, mesmo há três bilhões de anos, os ciclos atmosféricos em perfeito funcionamento eram modulados por organismos. (MARGULYS, 1987, p. 100).

Os seres vivos têm critérios de relevâncias nem sempre percebidos pelos seres humanos. São critérios que o próprio ser humano possui e deles se utilizam, muitas vezes, de forma inconsciente. São eles que mantêm a vida, dentre os espécimes que sobreviveram, desde o seu aparecimento sobre o planeta. Esses critérios de relevância são os filtros naturais que estão estritamente organizados tanto pela forma física, como pelo aparato sensorial dos organismos, isto é, pela sua capacidade de se comunicar com e no meio ambiente. Essa comunicação se dá num “contexto” que não se limita apenas ao contexto cultural e social dos seres humanos, mas decorre das interações dos organismos dentro de um nicho ecológico. Nas palavras do autor:

‘Contexto’ está ligado a outra noção indefinida chamada significado. Sem contexto, palavras e ações não tem qualquer significado. Isso é verdade não somente para a comunicação humana através de palavras, mas também para todos os tipos de comunicação, de todo processo mental, de toda mente, inclusive daquela que diz à anêmona-do-mar como crescer e à ameba o que fazer a seguir. (BATESON, 1986, p. 23).

A vida se fortalece a partir do momento em que o homem desdobra as informações encapsuladas na natureza e consegue, através de um olhar perspectivista, ver os seus vários significados. A partir desse novo olhar, o ideal seria, buscar ter uma conduta mais adequada em que prevalecesse a manutenção de toda a vida no planeta. Quando se inicia uma conscientização de uma conduta adequada, na qual o homem está no mesmo plano que outros seres vivos (incluindo nessa categoria amebas e anêmonas-do-mar) a visão fragmentária de que tudo está separado na natureza se esvanece e ao mesmo tempo abre um imenso portal e, nesse contexto ecológico, percebe-se que algo une essa totalidade. Um traço comum aos seres vivos é a existência de um metabolismo, cada espécime tem o seu com sua peculiaridade, mas mantendo sempre uma relação entre as várias partes vivas que compõem esse todo. Parece haver uma relação que mantém uma margem abrangente para a colocação de respostas. Bateson observou que a natureza dispõe-se, em suas várias expressões, de formas espirais, na qual é a capacidade de resposta que delimitará sua extensão. Quanto maior for essa capacidade de resposta, maior será o desdobramento dessa espiral que se encontra em aberto para incluir novos patamares comunicacionais. Segundo o autor:

O que vem à tona disso tudo é que a espiral é uma figura que mantém sua forma (isto é suas proporções) à medida que cresce em uma dimensão através de adição no lado que é aberto. Como podem ver não existem espirais verdadeiramente estáticas. (...) Fomos treinados para pensar a respeito de padrões, com exceção dos da música, como assuntos estáveis. É mais fácil e cômodo pensar assim, mas naturalmente absurdo. Na verdade, o caminho certo para começar a pensar sobre o padrão que liga é pensar nele como primordialmente (seja lá o que isso significa) uma dança de partes que interagem e só secundariamente restringida por vários tipos de limites físicos e por aqueles limites que os organismos caracteristicamente impõem. (BATESON, 1986, pp. 20-21).

Bateson (1986) nota que na natureza há uma espiralidade de informação na qual se encontram os padrões. Os padrões são a ‘cola’, termo utilizado por ele para designar um elo entre os seres vivos. Tais padrões não permitem apenas classificar, denominar e descrever a anatomia, mas também verificar a organização de um sistema no interior, na forma e na relação dos seres vivos, bem como perceber a dinâmica imanente que mantém coerente os diversos sistemas entre si nos nichos ecológicos. Como ressalta Bateson,

Todos os exemplos que forneci até agora – os padrões que têm associação com o padrão que liga, a anatomia do caranguejo e da lagosta, a concha, o homem e o cavalo – foram superficialmente estáticos. (...) Deixe-me ilustrar um pouco mais essa espécie de conexão, esse padrão de ligação, citando uma descoberta de Goethe. Ele foi um grande botânico que tinha grande habilidade em reconhecer o não costumeiro (isto é em reconhecer os padrões que ligam) (...) Ele descobriu que uma “folha” não é satisfatoriamente definida como “uma coisa verde plana” ou um “caule” como uma “coisa cilíndrica”. A maneira de encarar a definição – é sem dúvida, nas profundezas dos processos de crescimento da planta, é dessa maneira que a coisa é conduzida – é observar que os brotos (isto é, pequenos caules) se formam nos cantos das folhas. Partindo daí, o botânico constrói as definições com base nas relações entre caule, folha, broto, canto, e assim por diante. (BATESON, 1986, pp. 20, 24).

Com a teoria *Gaia*, é colocado o pensamento de um grupo que, na década de 80, se reunia para estabelecer novos paradigmas sobre a teoria do conhecimento e sobre uma nova epistemologia que abrangesse o saber através do campo da ação dos seres vivos. O modo identificado por vários cientistas de como a Terra vem se desenvolvendo ao longo de milhões de anos, sugere que o nosso planeta, como um sistema autônomo e vivo não é nada frágil; ao contrário, tem superado com muita

criatividade as dificuldades ambientais (LOVELOCK, 1987), pois quando parte da vida que habitava a terra pereceu diante de uma catástrofe, os sobreviventes foram aqueles que incorporaram o ruído em si mesmo, de forma que aumentando a complexidade alcançaram uma margem mais abrangente de respostas. (MARGULIS, 1987). Essa relação do meio com o agente, na qual o ruído do meio foi incorporado pelo agente, Bateson chama de informação, mas que para chegar ao receptor passa pelos critérios de relevância, os filtros que há em cada espécime vivo, *a diferença que faz a diferença*. (BATESON, 1986). Há uma ordem implicada, encapsulada, que se desdobra na natureza quando há uma maior complexidade para a manutenção da vida.(BOHM, 1980). Essa margem de resposta encapsulada encontra-se também nas relações, na comunicação e no pensamento humano, sendo o homem mais um espécime dessa natureza. Como argumenta Gonzalez et al,

O crescente grau de complexidade de que a ordem implicada exhibe parece possibilitar, ainda, um certo olhar perspectivista, caracterizado como o desdobramento da capacidade criativa em diferentes planos significativos da existência. A seguinte observação de Pierce (1982, p. 50), no que concerne às diferentes ordens de significado presentes na realidade ilustra essa idéia: 'o poeta, com seus olhos estéticos lê o segredo do mar. Salomão, com os seus olhos morais, lê o segredo da formiga. O homem da ciência vê a natureza como um sistema porque ele estuda as relações entre as coisas, e precisa estudar as relações entre as coisas para ser capaz de distinguir as formas das coisas'. (GONZALEZ, ANDRADE E OLIVEIRA, 2005).

A referida ordem implicada está no campo de ação dos seres vivos e determinada pelos filtros e critérios de relevância das várias espécies. Tais critérios de relevância estão incorporados e situados e podem ou não estar despertos. Quando os seres humanos estão num espaço desconhecido, como por exemplo, num ambiente diferente de sua cultura e de seu país de origem, eles podem se confundir e não perceber determinados sinais que para os habitantes locais serão hábitos.

No ambiente, as relações estão aflorando a todo instante; estão presentes os ruídos, fatores externos que criam uma ambigüidade no sistema, causando um afrouxamento nas tensões da rede. O ruído poderá ser prejudicial quando descarrega sobre o sistema uma desorganização muito intensa causando a destruição do sistema, mas poderá ser positivo se o sistema for capaz de absorver essa interferência, assimilá-la e se reorganizar tendo agora o ruído como um aumento na sua capacidade de resposta. Hábitos antes arraigados no sistema poderão passar para um estágio de sintonia fina e torna-se uma habilidade. Essa capacidade de reorganização envolve um processo abduutivo para a manutenção do sistema, como cita Gonzalez et al,

Analisada em termos de idéias e ações pessoais e ou coletivas, a criatividade pode ser entendida nas perspectivas psicológica, lógica, histórica ou antropológica. Embora intrinsecamente relacionadas estas são, em geral, metodicamente distinguidas, tal como fez Boden (1999, p.82) (...) Em ambos os casos, a criatividade pressupõe a existência de um universo relacional que possui uma ordem implicada expressa, individual ou coletivamente, através de um espaço conceitual. Esse espaço, tal como caracterizado por Boden, é entendido como uma estrutura informacional ou, ainda como rede de hábitos capazes de unificar o domínio do pensamento. (GONZALEZ, ANDRADE E OLIVEIRA, 2005).

A humanidade enfrenta hoje graves problemas ambientais como consequência do uso desordenado de suas reservas naturais. Temos que pensar numa epistemologia que dê conta de explicar a dinâmica do contexto atual em que ocorrem grandes complicações para a vida, mas que também proponha estratégias que modifiquem hábitos arraigados e que propiciem meios de transformá-los em habilidades. A partir dessa visão ecológica de mundo, em que o homem e a natureza encontram-se em igualdade, podem-se obter respostas de como viver em equilíbrio com o ambiente. As bases de uma Epistemologia Ecológica foram lançadas por Bateson (1986); suas

raízes estão se espalhando através de grupos interdisciplinares de pesquisa. No presente trabalho buscamos apenas indicar alguns aspectos dessa Epistemologia que se mostra bem vinda na complicada era em que vivemos.

### **Referências Bibliográficas**

BOHM, David. *A Totalidade e a Ordem Implicada: uma nova concepção da realidade*. São Paulo: Cultrix. 1980.

BATESON, G. *Mente e Natureza*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. 1986.

THOMPSON, I. W. *Gaia uma Teoria do Conhecimento*. São Paulo: Gaia. 1987.

GONZALEZ, M. E. Q. , ANDRADE, R. S. C. de , OLIVEIRA, L. F. de. *Complexidade e Ordem Implicada: uma investigação acerca do processo criativo*.